

Técnicas de Extensão com Comunidades Rurais

Prof. Deusimar Freire Brasil
Departamento de Oceanografia e Limnologia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

1. INTRODUÇÃO

O termo comunidade tem vários enfoques temáticos com diferentes formas conceituais. Adotamos o conceito que “comunidade é um grupo de pessoas que habitam uma determinada área, conhecem-se entre si pelo nome e estão irmanados por uma mesma herança histórica e sócio-cultural”. Quanto ao termo rural, adotamos o conceito de “espaço geográfico, com densidade populacional relativamente baixa, onde pode ser desenvolvida qualquer atividade humana, seja de natureza tecnológica, sócio-econômica e artístico-cultural”. Nesse contexto, o rural não se restringe a ações voltadas apenas para a produção agropecuária e extrativismo.

Na prática da extensão universitária com comunidades rurais está inserida a produção do conhecimento e sua apropriação pelo grupo de produtores e pelos estudantes acadêmicos como parte integrante de sua formação profissional. Esta prática é permeada por um conjunto de atitudes e ações de caráter educativo, com utilização de recursos de comunicação e motivação de pessoas. Na literatura encontramos registros sobre os pressupostos referenciais para uma prática eficiente da extensão; entretanto, o trabalho com comunidades rurais merece os destaques que se seguem.

A extensão é parte de um processo que visa melhorar a qualidade de vida do grupo social. Nesse sentido, é fundamental que este grupo seja demandante das ações a serem trabalhadas; caso contrário há grande probabilidade de retorno à condição inicial após o final do trabalho de extensão. Esta condição coloca o primeiro pressuposto a ser considerado: a intensa preocupação com o estabelecimento de um processo participativo. Propomos ações com base conceitual em formato de rede como forma de otimizar o processo participativo. Este formato favorece também abordagens de natureza holística, sistêmica, multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar.

As ações devem ser conduzidas no contexto da realidade da comunidade rural e no sentido de valorizar a sócio-diversidade, ampliando conceitos e visão sobre as questões demandadas. Deve ser dado grande valor ao saber cognitivo do grupo social, privilegiando relações e intercâmbios, muito mais do que informações a serem

transmitidas. Deve haver percepção e respeito à dinâmica política interna do grupo social e democratizar as informações geradas no trabalho. Esses cuidados são pressupostos que demandam uma contrapartida da comunidade rural, evitando uma ação meramente assistencialista. Nesse sentido garante-se uma conduta ética da parte de todos os envolvidos no trabalho de extensão.

2. AÇÕES PRECEDENTES

O primeiro passo ao se iniciar a atividade de extensão com uma comunidade rural é o estabelecimento de um processo de conhecimento entre as partes, que pode ser iniciado da universidade para a comunidade e vice-versa. Nos primeiros encontros, é preciso que haja uma apresentação síntese sobre a história, objetivos, missão, estrutura e funcionamento, tanto da universidade como da comunidade. É um momento de comungação de natureza mais institucional. Em seguida, é preciso um conhecimento entre as pessoas envolvidas direta e indiretamente na atividade de extensão. Quem é essa comunidade / universidade? Quais suas histórias? Onde ficam? Quem são as pessoas que participam delas? Quais são as lideranças e suas habilidades? Como vivem? Qual o padrão de vida, de renda, de educação, de saúde? O que elas sonham? Muitas perguntas devem ser feitas de ambas as partes.

Este momento inicial é muito importante porque além de se conhecer, estabelece-se a construção de um pacto entre a universidade e a comunidade. O conhecimento ideal é quando se convive por uns tempos; entretanto, nem sempre isto é possível. Assim, e considerando que o foco central do trabalho é na comunidade, um trabalho de extensão requer uma atividade preliminar de diagnóstico do perfil sócio-econômico da comunidade. Para tanto, existem metodologias específicas, entre elas o “Inquérito Social”, que pode ser definido como qualquer procedimento no qual dados de pesquisa são sistematicamente coletados de maneira pessoal ou impessoal.

As técnicas pessoais são caracterizadas pela presença do pesquisador e do pesquisado no momento da obtenção das informações, enquanto nas impessoais não é requerida esta presença física. Entre os primeiros destacam-se: (1) Observação Efetiva – o pesquisador convive na comunidade por certo tempo; (2) Estudo de Caso – um caso típico é estudado a fundo; (3) Grupos de Discussão – orientação de uma conversa dentro de um pequeno grupo da comunidade; (4) Entrevista Individual – obtenção de informações a partir de uma amostra ou mesmo do grupo social como um

todo. Esta modalidade pode ser: (4.1) Estruturada – uso de questões planejadas; (4.2) Semi-estruturada – quando há uma lista de tópicos a serem abordados, mas não uma lista de questões; (4.3) Não Estruturada – não existe um formato pré-definido para a pesquisa e sim uma liberdade para exposição de visões e preocupações, evitando-se a imposição de idéias. As técnicas mais comuns de inquérito impessoal são: inquérito por telefone e inquérito postal. Faz parte, também, deste pacto a elaboração de um conjunto de atividades e o cronograma de implementação a serem desenvolvidas durante o trabalho de extensão.

Com a consolidação de conhecimento das partes envolvidas, tem-se uma idéia de seus processos organizativos. Ou seja, quem são as lideranças, a organização do poder interno, o mecanismo institucional de organização – associação, cooperativa, sindicato, etc. A existência de uma forma de organização comunitária é pré-requisito para o sucesso de uma atividade de extensão. O primeiro passo de uma comunidade que quer melhorar sua qualidade de vida é criar um mecanismo institucional que represente e lute por esse anseio. Senão, a comunidade vai estar sempre à mercê de um mecenas, e por mais bem intencionado que seja esse patrono, a comunidade não executa uma ação libertadora em sua integridade. As pessoas têm que tomar “a rédea do seu destino em suas mãos” e isso significa se organizar politicamente para fazer alianças e parcerias na busca da melhoria de sua qualidade de vida.

Uma associação de produtores deve ser sempre valorizada e prestigiada num trabalho de extensão. As ações de extensão devem favorecer o fortalecimento do processo de organização social e política do grupo social, gerando a percepção que esta organização cria um valor simbólico de relações afetivas. Nesse contexto, há também valorização de ações de cooperação e criatividade, em detrimento do individualismo. Os atores externos à comunidade rural devem se sentir parte integrante do grupo social, fato que estabelece sentimentos nobres entre os participantes e evita atitudes preconceituosas. A rigor, numa comunidade sempre existe um processo de organização que precede o associativismo formal. Antes de se constituir uma associação ou outro mecanismo de organização, as pessoas se organizam em grupos ou trabalhos coletivos, sempre com um objetivo comum.

A constituição de uma organização formal tem variadas formas, a saber: associação, cooperativa, grupo de jovens, clube de mães, grupo de mulheres, clube de futebol,

sindicato, partido político, conselho, etc. O sucesso dessas instituições está, geralmente, associado às recomendações válidas para trabalhos em grupo. Deve-se ter conhecimento sobre as bases teóricas de dinâmica de grupo, suas possibilidades e suas dificuldades de aplicação. É preciso estabelecer um ambiente de cordialidade, tolerância e compreensão, para que o grupo possa usar do máximo de liberdade para um trabalho comum de cooperação. Para isso, é necessário que as atividades ocorram num clima que permita a informalidade, a espontaneidade e a confiança. É preciso, também, que a participação seja leal e franca, sem o uso de subterfúgios e sofismas; com acompanhamento crítico contínuo, visando sua melhoria.

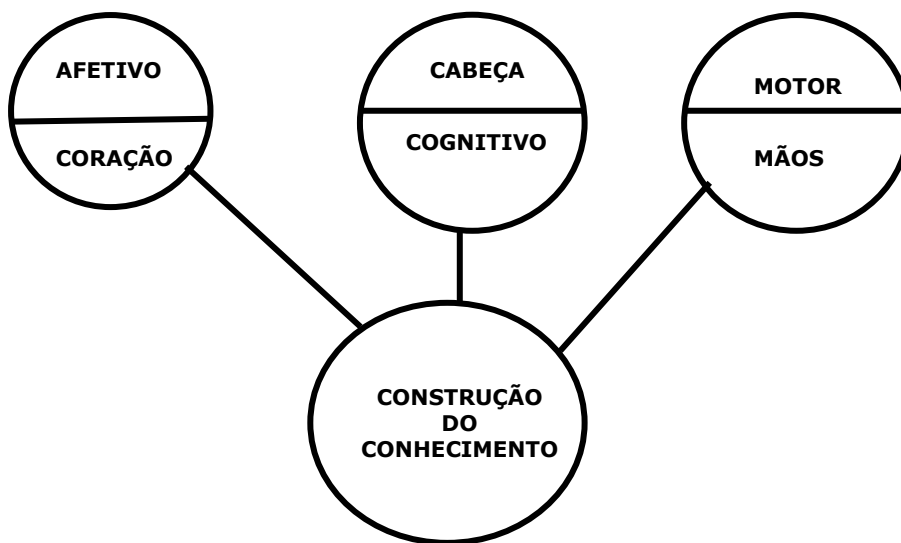
3. RECURSOS DIDÁTICOS

A utilização das técnicas de extensão exige a disponibilidade de recursos didáticos para facilitar o processo de produção do conhecimento. Entre os mais utilizados destacam-se:

- ✓ Objeto real – as atividades são desenvolvidas no contexto da situação real vivenciada pelo produtor rural.
- ✓ Modelo, Réplica e Miniatura – reprodução do objeto ou condição real em menor tamanho ou com os detalhes que se quer dar ênfase.
- ✓ Fotografia – reprodução fotográfica de situações relacionadas com o processo de produção do conhecimento.
- ✓ Desenho – quando o essencial que se quer mostrar é possível de ser feito sem a visualização de detalhes que a fotografia, por exemplo, poderia mostrar.
- ✓ Álbum seriado – uso de fotografias ou cartões com desenhos mostrando uma seqüência lógica de eventos.
- ✓ Quadro-negro – muito usado em cursos, palestras e outros eventos educativos.
- ✓ Datashow – apresentações eletrônicas.
- ✓ Retroprojeter – projeção de imagens, que pode funcionar por transparência (diascópio) e por reflexão (episcópio).
- ✓ Videocassete / Televisão / DVD – equipamentos utilizados na reprodução de filmes e documentários.
- ✓ Flanelógrafo – Quadro revestido de flanela ou de feltro de cor lisa, sobre o qual são aderidos objetos ou figuras, fixadas ou removidas segundo as necessidades do trabalho.
- ✓ Faixa / Cartazes – usado principalmente para divulgação de eventos em extensão.

4. ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO E RETENÇÃO DO CONHECIMENTO

Numa representação gráfica da construção do conhecimento (figura abaixo), consideramos três partes do corpo humano: cabeça, coração e mãos; cada uma, associada a uma função importante na construção do conhecimento. Assim, a cabeça está associada ao domínio cognitivo – são as experiências, conhecimento, reflexão, pensar por si mesmo, habilidade intelectual; O coração está associado ao domínio afetivo – são os sentimentos, valor positivo, emoções, fé, atitudes, crenças (passar a gostar do assunto); as mãos estão associadas ao domínio motor – adquirir habilidades, lidar com equipamentos.



Outra informação importante diz respeito aos percentuais de retenção mnemônica: considera-se que aprendemos: 1,0% pelo gosto; 1,5% pelo tato; 3,5% pelo olfato; 11,0% pela audição e 83,0% pela visão. Como diria Fernando Pessoa “sou aquilo que vejo”. A retenção de informações possui os seguintes percentuais: 10% do que se lê; 20% do que se escuta; 30% do que se vê; 50% do que se vê e escuta; 70% do que é dito e discutido; 90% do que é dito e logo realizado. Na tabela abaixo são apresentados os percentuais de retenção do conhecimento de acordo com sua forma de retenção.

Forma de Retenção	Retenção Após 3 Horas	Retenção Após 3 Dias
Oral	70%	10%
Visual	72%	20%
Oral + Visual	85%	65%

5. TÉCNICAS DE EXTENSÃO

5.1 Técnicas de Aquecimento e Desbloqueio

Num primeiro encontro sempre existe certa inibição entre os componentes de um grupo e trabalho fica “emperrado” por causa de fatores emocionais subjacentes. Portanto, muitas vezes é muito importante iniciar os trabalhos com o emprego de técnicas que promovam a apresentação e desbloqueio dos membros do grupo; e, mais importante, estimule a interação entre os participantes. Em geral, essas técnicas têm os seguintes objetivos: (a) promover o conhecimento dos membros de um grupo dentro de um clima descontraído, instalando um relacionamento mais vivo e caloroso; (b) expressar expectativas ou problemas que afetam o clima do grupo e o desempenho dos seus membros; (c) produzir grande número de idéias em prazo curto, estimulando a originalidade e desinibição; (d) quebrar percepções, aprioristicamente, preconceituosas entre os membros do grupo.

As estratégias mencionadas a seguir devem ser encaradas como meios facilitadores para que o grupo alcance seus objetivos e não como fórmulas fechadas, intocáveis. O coordenador das atividades pode se inspirar nelas para recriar formatos mais adequados ao grupo e para as condições de que dispõe.

5.1.1 Apresentação Simples

Cada membro do grupo, oralmente, se apresenta. É uma estratégia válida apenas para grupos pequenos, pois com mais de quinze ou vinte participantes torna-se cansativa. Pode ser combinada com perguntas feitas pelos outros membros do grupo ao companheiro que se apresenta.

5.1.2 Apresentação Cruzada em Duplas

Os participantes se reúnem em duplas, entrevistam-se um ao outro e depois cada um apresenta ao grupo seu entrevistado. Numa variação, pode falar na primeira pessoa, “assumindo” as características do entrevistado. Também funciona bem em grupos pequenos. Exemplo de um roteiro de entrevista: Conheça seu entrevistado informandose sobre dados pessoais e objetivos de vida: nome; bairro de residência; objetivos de vida; esporte preferido; clube que frequenta; praia preferida; comida preferida; lazer; uma frase.

5.1.3 Complementando Frases

O coordenador prepara uma folha para cada membro do grupo, na qual escreve um início de frase, que será completada pelo participante, livremente. Esta estratégia permite uma análise das expectativas e dos valores dos membros do grupo em relação aos assuntos apontados pelas frases; pode servir, tanto para um primeiro encontro, como para um momento de impasse, para um final de atividade ou até para uma comparação, embora grosseira, entre início e fim de um trabalho. As frases completadas são lidas e analisadas pelo grupo, tendo como critérios para análise os objetivos para os quais foram utilizados. Exemplos de frases a serem completadas: (a) eu crio peixes porque...; (b) na hierarquia de minhas atividades, a criação de peixes...; (c) os compradores de peixes...; (d) para aprender a criar peixes, é preciso...; (e) planejar...; (f) eu avalio...; (g) vim para esta atividade...

5.1.4 Desenhos em Grupos

Dá-se um tema a respeito do qual todos os participantes do grupo possam ter uma opinião. Solicita-se que conversem sobre o tema, decidam como expressá-lo e depois efetivamente o façam, do modo que lhes parecer melhor. O coordenador deve providenciar uma grande folha de papel e vários pincéis para cada grupo, giz de várias cores se o desenho for feito na lousa, muitas revistas com figuras, tesoura e cola se os participantes quiserem fazer uma colagem. Esta estratégia permite que os membros do pequeno grupo se entrem, conheçam-se de modo descompromissado e descontraído.

5.1.5 Deslocamento Físico

Consiste em alterar o posicionamento dos membros do grupo no local de realização da atividade, favorecendo um desbloqueio emocional e inibindo a apatia dos participantes. Existem diferentes formas de promover este deslocamento. Por exemplo, com piscicultores associa-se uma estratégia de manejo com um objetivo da criação. O grupo é dividido em dois subgrupos; os membros de um dos subgrupos recebem um cartão com um objetivo da criação e os membros do outro subgrupo recebem cartões com as estratégias de manejo para atingir os objetivos. Um subgrupo organiza-se num círculo interno (fica parado) e o outro num externo (se movimenta). O externo vai rodando, e a cada emparelhamento objetivo-manejo, o par se retira do círculo e aguarda. Num segundo momento, cada par lê seus cartões e justifica os motivos do

emparelhamento, podendo então todo o grupo discutir e opinar. Esse é apenas um exemplo; a criatividade do coordenador pode levar a variações. Entretanto, é preciso estar sempre atento para não exagerar e tornar a estratégia ineficaz.

5.1.6 Tempestade Cerebral

Esta estratégia permite desbloqueio e aquecimento, embora, até certo ponto, estas sejam pré-requisitos para a eficiência do seu emprego e seus principais objetivos sejam levar a um desenvolvimento da originalidade e da desinibição, bem como a produção de grande número de idéias em prazo curto, numa palavra, à criatividade. Seu funcionamento geral é o seguinte: dado um tema, cada participante expressa oralmente, em uma palavra ou frases bem curtas, tudo o que lhe vem à cabeça, sugerido por aquele tema, sem se preocupar em “censurar” essas idéias. Alguém anota tudo que é dito. O coordenador funciona como animador, podendo também fazer as anotações. Numa segunda parte faz-se a seleção das idéias anotadas, segundo algum critério prévio, seja agrupando por semelhança, seja eliminando as que não podem ser colocadas em prática.

5.2 **Técnicas de Extensão**

5.2.1 Uso de Impressos

São técnicas onde o processo de produção e apropriação do conhecimento se faz principalmente com a utilização de impressos. É importante destacar algumas recomendações para redação das publicações: abordar assuntos ou práticas de interesse do produtor rural, com título atrativo; escrever idéias simples e na linguagem do grupo; usar palavras simples; formar frases e parágrafos curtos; não amontoar matéria numa página; emitir instruções completas; dar harmonia e unidade ao texto, reiterando conceitos essenciais; reforçar as mensagens; usar fotografias e ilustrações facilmente entendíveis; usar cores diferentes, sempre que possível.

Entre essas técnicas destacam-se a utilização de: (a) Volante – pequeno impresso que serve para dar informações concisas ou difundir slogans; (b) Folder – folha impressa, com uma ou mais dobras; geralmente trata de uma questão específica, sendo um bom instrumento para despertar o interesse do grupo numa idéia que está sendo difundida; (c) Folha Solta – folha solta impressa, de um ou ambos os lados, muitas vezes com desenhos e ilustrações. Por exemplo, planta de construção; (d) Boletim – publicação

periódica com pequeno número de páginas, dando informações sobre determinado assunto; (e) Folheto – brochura de poucas páginas, diferenciando-se do boletim por não ser periódico. Normalmente o folheto abrange diversos tópicos de um determinado tema; (f) Jornal – impresso periódico com menor duração de circulação, com simplicidade de redação e voltado à solução de fatos. Os dois principais gêneros jornalísticos são: notícia e comentário e da combinação dos dois, tem-se: artigo, coluna, reportagem, crônica, editorial, entrevista, nota, ensaio; (g) Banner / Painei – impresso em uma folha de maior tamanho, com informação que se deseja transmitir; (h) Carta Circular – meio bastante efetivo, sendo preciso tomar alguns cuidados, entre eles: planejar para um fim desejado; atrair a atenção do leitor; usar exemplo; escrever como se estivesse conversando; saudação adequada; mensagem simples com declaração direta; orações e parágrafos curtos.

5.2.2 Programa de Rádio / Televisão

Deve ter caráter informal, com duração entre 5 e 30 minutos. Na definição do horário deve ser observada a presença do produtor rural em casa. Simplicidade e clareza são aspectos importantes; bem como, o patrocínio comercial. Os principais tipos de programas são: noticiário, comentário, entrevista, perguntas e respostas. É possível também realizar discussão sobre reportagens produzidas em programas semanais em redes de rádio e TV.

5.2.3 Internet / Boletim Eletrônico / Tele-Conferência

A rede mundial de computadores é um importante recurso técnico em atividades de extensão, pois muitas comunidades rurais têm acesso a internet por conta de programas oficiais de inclusão digital. O boletim eletrônico deve seguir orientações semelhantes àquelas válidas para os jornais impressos e sua vinculação pode ter caráter mais individual. As tele-conferências, entretanto, devem ser programadas de forma a reunir um grupo de produtores e, quando possível, organizar uma reunião para discutir as informações apresentadas.

5.2.4 Contato Pessoal

Forma de praticar a extensão quando ocorre uma relação pessoal com os produtores rurais; por exemplo, num escritório, numa agência bancária ou mesmo por meio de telefone.

5.2.5 Reunião

A reunião é um procedimento dos mais utilizados em atividades de extensão. Caracteriza-se como um trabalho em grupo e possui grande variação de técnicas que podem ser empregadas. O sucesso de uma reunião depende de: horário e local adequado, objetivo bem definido, presença das pessoas certas, boa condução. A reunião, quando bem conduzida, apresenta as seguintes vantagens: estimula a participação ativa; desenvolve o sentido da crítica; induz à aprendizagem mútua; facilita a modificação de atitudes; desenvolve a tolerância.

5.2.5 Curso / Mini-curso

Existem diferentes modalidades de curso com finalidade de extensão universitária com comunidades rurais, destacando-se: capacitação, atualização e reciclagem. Nessas atividades, há a presença de um instrutor caracterizando o processo educativo informal da extensão. Deve haver um bom planejamento do conteúdo programático, carga horária, forma de avaliação da aprendizagem, metodologia de ensino, etc.

5.2.6 Palestra / Mesa Redonda / Seminário

Essas técnicas, muito utilizadas em extensão rural, podem ser consideradas como reuniões alargadas, onde se faz uma exposição formal feita em forma verbal por um orador a um grupo de ouvintes, com um período de perguntas e respostas no final.

5.2.7 Debate / Roda-de-Conversa

Essas técnicas são, em geral, mais demorada e, necessariamente, não existe a presença de um instrutor capacitado. Deve ser bem coordenador e realizado a partir de um tema atrativo. O debate e a roda-de-conversa podem ser: educativos, informativos, de exploração e para solucionar problemas.

5.2.8 Semana

Esta técnica se caracteriza por um procedimento com duração de vários dias. A preparação envolve: treinamento do pessoal, escolha de métodos, preparo de recursos audiovisuais, levantamento de recursos financeiros, plano de divulgação. A execução envolve: inauguração com uma exposição alusiva, palestras específicas, projeções de filmes, visitas, reuniões, dia-de-campo, etc.

5.2.9 Campanha

É um esforço concentrado para resolver uma questão definida. Alguns aspectos devem ser considerados: justificativa; objetivos; metas específicas; orçamento; tempo de duração; público alvo; organização de comitê e sub-comitês; divulgação; calendário; avaliação.

5.2.10 Visita Técnica / Excursão

A visita é também uma estratégia para aprendizado de uma determinada habilidade, numa fazenda de um produtor que pratica um conhecimento que se quer apropriar. Esta estratégia é semelhante ao dia-de-Campo, mas numa visita nem sempre é possível fazer uma demonstração sistematizada do funcionamento e aplicação da tecnologia. É importante que o produtor visitado tenha um perfil semelhante aos dos produtores que comporão a comitiva de visita.

5.2.11 Dia de Campo

Evento realizado em apenas um dia, geralmente relacionado com uma demonstração técnica, com caráter mais informativo. Devem-se ter os seguintes cuidados: definição do tema; mobilização dos produtores; escolha do local; divulgação. O dia-de-Campo é uma técnica voltada para transmitir um conhecimento, em geral tecnológico, que envolva aprendizado de uma habilidade. É muito comum em extensão rural e tem a vantagem de acontecer, como o nome indica, em apenas um dia. É preciso marcar o horário e cumpri-lo fielmente, a tecnologia a ser transmitida deve ser planejada de tal modo que seja possível o produtor acompanhá-la e até mesmo praticá-la. Na essência, é feita uma demonstração do funcionamento da técnica em condições de campo, ou seja, semelhante àquela do produtor.

5.2.12 Exposição

É um evento destinado à demonstração de produtos e conhecimentos. Sua realização envolve os cuidados semelhantes àqueles aludidos à realização de uma semana.

5.2.13 Oficina // Workshop

São reuniões de trabalho, ou de treinamento, em que os participantes discutem e/ou exercitam determinadas técnicas. A oficina é uma técnica que se caracteriza por uma demonstração de um conhecimento e elaboração de um produto ao final desta demonstração.

5.2.14 Unidade Demonstrativa

Semelhante à oficina, mas neste caso a estrutura de demonstração funciona continuamente. A Unidade Demonstrativa é uma estratégia muito empregada na extensão rural. No início de sua utilização ficava localizada em estação de pesquisa, mas recentemente tem sido comum a instalação de unidades demonstrativas na própria comunidade, em geral na propriedade de produtor ou num espaço comunitário.

5.2.15 Estágios

Quando o produtor rural se desloca por um tempo pré-determinado a um local específico com a finalidade de observar, praticar e se apropriar de um conhecimento praticado neste local. É uma técnica estratégica em extensão com comunidades rurais porque além da apropriação do conhecimento em si, o produtor rural estabelece alianças e parcerias com outras comunidades e/ou organizações.